

Cooperação com África

“está bem, obrigado”

O Journal 30/12/88

Conflitos internos e dívidas contraídas nos últimos anos têm afectado relações de Angola e Moçambique com Portugal, mas a cooperação está a melhorar

Lurdes Feio

«Excelente» em São Tomé e Príncipe, «ótimo» em Cabo Verde, «muito bom» na Guiné-Bissau, «razoável» em Moçambique e «promissor» em Angola — eis como fontes oficiais classificaram, a «O Journal», o actual estado da cooperação de Portugal com os cinco países africanos de expressão portu-

guesa.

Curiosamente, segundo as mesmas fontes, a «qualidade» e a extensão dos acordos de cooperação realizados têm crescido, também, na razão inversa da extensão geográfica e riqueza de recursos do país a que dizem respeito.

«Em São Tomé e Príncipe, tudo é mais fácil. Mas o país é pequeno, o mercado é limitado, os recursos também, pelo que este país interessa-nos,

sobretudo, como 'ponte' de ligação para as nações africanas contíguas», explicam as nossas fontes.

O carácter privilegiado dessas relações justificou, aliás, a vinda ao nosso país do presidente Pinto da Costa, durante o I Congresso da Cooperação realizado há uma semana, em Lisboa, por iniciativa da Elo.

São Tomé e Príncipe tem servido como «balão de ensaio» para a estratégia da coo-

peração. Além das empresas mistas já criadas e do Banco da Cooperação, Portugal promoverá com aquele país uma zona franca e conseguiu «inaugurar» ali a vertente militar na cooperação luso-africana.

Segundo o acordo militar assinado oficialmente, na quarta-feira (21), em Lisboa, Portugal fornecerá equipamento militar. A cooperação neste domínio já justificara, de resto, o envio, há alguns me-

ses, de um destacamento da Força Aérea portuguesa que tem realizado ligações inter-ilhas com Aviocar da FAP. E prevê-se a formação, em breve, de militares e forças militarizadas saotomenses em Portugal.

Cabo Verde tem sido, até aqui, um parceiro privilegiado na cooperação. As relações entre governantes cabo-verdianos e portugueses foram sempre amistosas e, na opinião de vastos sectores, os laços históricos, culturais e afectivos entre os dois povos mereceu, sempre, especial destaque.

TV da Guiné estreia no Verão?

Na Guiné-Bissau, a cooperação portuguesa teve honras não menos importantes. O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Durão Barroso, foi convidado «muito especial» do presidente Nino Vieira, nas comemorações do IV centenário da cidade do Cacheu, o primeiro entreposto comercial português em África, ao sul do Sará.

Entre os vários projectos em curso na Guiné-Bissau, incluí-se a instalação e financiamento completo (300 mil contos) português da televisão guineense, cujas transmissões deverão iniciar-se oficialmente no Verão de 1989.

Também no decorrer do próximo ano, Cavaco Silva visitará este país, a convite do presidente Nino Vieira.

E se, em relação a Moçambique e a Angola, as coisas não correram tão bem até agora, isso ficou a dever-se, dizem-nos, à maior complexidade interna desses países e, no primeiro caso, a determinados «engulhos» provocados por iniciativas mal sucedidas no passado recente.

«Moçambique viu-se a braços com uma pesada dívida para com Portugal, resultante da fórmula em que se fazia a cooperação até 1985. Anteriormente, as relações eram fundamentalmente comer-

ciais: Portugal vendia bens que, por seu lado, Moçambique não conseguia pagar.

Agora, a cooperação está a realizar-se na base de contrapartidas, isto é, os moçambicanos vão pagando com interesses que nos cedem em empresas mistas e fornecimento de matérias-primas próprias, por exemplo. Isso vai-lhes permitindo pagar o que devem e, por via disso, olharem-nos com outros olhos», explicaram fontes diplomáticas portuguesas.

Por último, em Angola, a cooperação é, sobretudo, de carácter empresarial. O desejado reforço dos acordos oficiais tem sido adiado por motivos que se prendem, fundamentalmente, com o conflito interno angolano.

Mas existem negociações em curso. E as autoridades angolanas manifestaram já a sua disponibilidade para o estreitamento da cooperação com Portugal, país que, aliás, tem desenvolvido vários esforços diplomáticos, no sentido de conseguir o apoio internacional para os angolanos, quer ao nível de blocos de países, como a CEE, quer junto de instâncias financeiras internacionais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional.

Portugal tem, na África de expressão portuguesa, concorrentes de peso. No domínio político e cultural, são os franceses em S. Tomé, na Guiné e em Cabo Verde; os ingleses em Moçambique e «todos» em Angola. A diplomacia portuguesa parece não temer esta concorrência, porque acredita nos líderes daqueles países, quando garantem que, por razões históricas e afectivas, a cooperação com Portugal não pode ser substituída por outros.

Mas, no campo económico, empresarial e, mesmo, militar, a luta é bem mais desvantajosa para os portugueses. Em quase todos os países. E não constitui bom augúrio a vitória espanhola na CEE, ao conquistar a Comissão da Cooperação e Desenvolvimento que Portugal tanto desejava mas não conseguiu.